

## Crónica de Evento

### Antropologias do turismo no brasil: crônica do grupo de trabalho 24 da Reunião Brasileira De Antropologia (RBA), Belo Horizonte, 23-26 de julho de 2024

**Xerardo Pereiro Pérez\***

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (Portugal)

**Verena Sevá Nogueira\*\***

Universidade Federal de Campina Grande (Brasil)

**Resumo:** Apresentamos neste texto uma reflexão sobre as antropologias do turismo no Brasil, a partir da nossa participação num grupo de trabalho sobre este tema, que teve lugar o passado mês de julho em Belo Horizonte (Minas Gerais, Brasil). Com base na escuta ativa e dialógica com os participantes nesse grupo de trabalho, bem como com uma relação intelectual com muitos deles desde há mais de 20 anos, apresentamos nesta crónica um enfoque epistemológico sobre a diversidade de antropologias do turismo, procurando demonstrar como na antropologia do turismo feita no Brasil domina a mesmidade endotópica de objetos, temas e problemas de investigação.

**Palavras-chave:** Antropologias do turismo; Brasil; Reunião Brasileira de Antropologia (RBA).

#### **Anthropologies of tourism in Brazil: a chronicle of working group 24 of the Brazilian Anthropology Meeting (RBA), Belo Horizonte, 23-26 July 2024**

**Abstract:** In this text, we present a reflection on the anthropologies of tourism in Brazil, based on our participation in a working group on this topic, which took place last July in Belo Horizonte (Minas Gerais, Brazil). Based on active listening and dialogue with the participants in this working group, and an intellectual relationship with many of them that has lasted for over 20 years, we present in this chronicle an epistemological look at the diversity of anthropologies of tourism, seeking to demonstrate how the vital anthropology of tourism carried out in Brazil is dominated by the endotopic sameness of objects, themes and research problems.

**Keywords:** Anthropologies of tourism, Brazil, Brazilian Anthropology Meeting (RBA).

A nossa participação como consultores e investigadores do projeto “Territórios Sociobiodiversos no Maranhão e Pará: ambiente, conhecimento e sustentabilidade”<sup>1</sup> (Processo Fapesp número 2022/10359-5, referente à Chamada Iniciativa Amazônia +10, com vigência de 01/02/2023 a 31/01/2026), coordenado pelas Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA) e Universidade Federal do Maranhão (UM), permitiu-nos recentemente participar na 34 reunião da Associação Brasileira de Antropologia (ver: <https://portal.abant.org.br/>). Neste congresso

\* Departamento de “Economia, Sociologia e Gestão” de la Escuela de Ciencias Humanas y Sociales de la UTAD; <https://orcid.org/0000-0002-6298-5701>; E-mail: [xerardopereiro@utad.pt](mailto:xerardopereiro@utad.pt)

\*\* Universidade Federal de Campina Grande (Brasil); <https://orcid.org/0000-0002-6961-097X>; E-mail: [verenaseva@gmail.com](mailto:verenaseva@gmail.com)

**Cite:** Pereiro Pérez, Xerardo & Nogueira, Verena S. (2025). Antropologias do turismo no brasil: crônica do grupo de trabalho 24 da Reunião Brasileira De Antropologia (RBA), Belo Horizonte, 23-26 de julho de 2024. *Pasos. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural*, 23(2), 617-622. <https://doi.org/10.25145/j.pasos.2025.23.040>.

estavam inscritos cerca de 4000 antropólogos e participaram no fim uns 3000, números que denotam a forte presença destes profissionais no país-continente que é Brasil.

O grupo de trabalho (GT) 24, um dos 104 organizados, intitulou-se “Antropologia e Turismo: transversalidades, conflitos e mudanças”, foi coordenado pelos professores Álvaro Banducci Júnior (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS) e Euler David de Siqueira (Universidade Federal Rural de Rio de Janeiro - UFRRJ), e teve como debatedora a professora Lea Carvalho Rodrigues (Universidade Federal do Ceará). O decorrer dos trabalhos espalhou-se durante 3 dias e 3 sessões (24-26 de julho de 2024), e os objetivos deste grupo de trabalho definidos pelos proponentes foram explícitos na sua descrição:

“Dando seguimento aos encontros realizados em edições anteriores da RBA e RAM, retomamos o interesse de fortalecer os estudos do turismo, a partir do olhar da Antropologia e áreas contíguas. Considerando a emergência, no âmbito do turismo e seu entorno, de novas demandas sociais, culturais, econômicas e simbólicas, muitas vezes em contexto de conflito, este GT se propõe a debater e aprofundar os principais eixos teóricos e metodológicos, que vêm norteando os estudos socioantropológicos do turismo, como as questões de conflito territorial e ambiental, étnico-raciais, de gênero, e as disparidades econômicas entre os atores envolvidos. Destacam-se, ainda, as relações múltiplas que se estabelecem no âmbito do encontro turístico como, a disputa por recursos, a luta por reconhecimento, a plataformação e o Turismo 4.0, a formação da imagem dos destinos e a dimensão teórico-conceitual do turismo e seus desdobramentos, como experiências de turismo comunitário, cultural, étnico e ecoturismo apresentadas como diferenciadas e menos predatórias. Podemos, além disso, acrescentar, no debate da dinâmica das atividades turísticas, o comportamento dos distintos atores envolvidos, incluindo-se Estado e governos, em diferentes contextos socioespaciais. Assim, buscamos, com este GT, levantar reflexões sobre a transversalidade do turismo e situações de conflito e mudanças que o perpassam, para o fortalecimento do debate acadêmico na área de Antropologia do Turismo.” (fonte: RBA, 2024).

As comunicações selecionadas para apresentação e debate foram 21, das quais 20 protagonizadas por antropólogos brasileiros. Uma amostra representativa e significativa do que de bom e positivo tem a antropologia brasileira e, em particular, aquela que tem no turismo um objeto central de investigação. Não todas compareceram no congresso, mas os trabalhos apresentados são uma boa mostra dos eixos ontológicos, epistemológicos, teóricos e metodológicos da antropologia do turismo feita por brasileiros, uma metatradução nacional disciplinar muito vital e importante em Iberoamérica e no mundo, mas que também tem sofrido um processo de evitamento e anti-objeto de pesquisa pela antropologia de construção nacional brasileira (cf. Pinto, 2015; 2021). A continuação vamos sumariar os conteúdos e substância das comunicações apresentadas e igualmente também alguns contornos dos debates suscitados, para logo numa segunda parte fazer uma breve reflexão ponderada sobre a antropologia do turismo no Brasil vista desde fora e desde dentro.

A primeira comunicação brasileira, após a apresentação do antropólogo português Xerardo Pereiro sobre turismo e peregrinação a Santiago de Compostela, foi a do professor Euler David de Siqueira (Universidade Federal Rural de Rio de Janeiro – UFRRJ), acerca do carnaval do Rio de Janeiro e a experiência ritual liminar de *communitas* num camarote do Sambódromo do Rio de Janeiro, algo que o investigador considerou participação observante. A sua mirada, durkheimiana e turneriana, focou a ambígua relação entre ritual e mercantilização turística da festa, que passa de uma fase de segregação a outra de comunhão com pouca diferenciação inicial e, finalmente, a outra mais corporativa e diferenciadora dos segmentos sociais de classe-gênero-estatuto.

A segunda comunicação foi apresentada pela investigadora Camila Maria dos Santos Moraes (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO), tendo abordado o turismo de favela e a criação nela do Sankofa, um museu de sociedade ao ar livre. O turismo da pobreza integrado num tour turístico, como parte das políticas públicas, foi discutido nesta comunicação junto à ideia da vontade de memória dos seus residentes. A caminhada guiada dos turistas na favela da Rocinha, histórica do Rio de Janeiro, onde o antropólogo Anthony Leeds (1969;1970) fez trabalho de campo nos anos 1980, serviu como caso de estudo para exemplificar como o turismo estrutura uma narrativa que representa imaginativamente a favela. Desta forma, o turismo tenta mostrar a criatividade e valorar a capacidade de organização social nesses espaços de controvérsia e desigualdade.

A terceira comunicação brasileira foi obra da investigadora Mariana Reis Utsch Jorge (Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri - UFVJM), doutoranda em estudos rurais, quem analisou o desenho e implementação de uma rota turística das dez Cachoeiras de Mato Dentro (Minas Gerais). Este é um espaço de conservação ambiental e cenário de conflitos e negociações entre as comunidades quilombolas e as políticas públicas. Num ambiente convivial e dialógico favorecido pelos coordenadores

do grupo de trabalho, os debates à volta destas primeiras comunicações centraram-se na metodologia, nas resistências ao turismo e nos conflitos ambientais e sociais dos cenários turísticos, demonstrando que o turismo é um objeto de estudo antropológico bom para pensar o mundo, a vida e as sociedades em interconexão global.

E no segundo dia do evento teve lugar a segunda sessão deste GT. A quarta comunicação brasileira foi protagonizada pela experiente professora Lea Carvalho Rodrigues (Universidade Federal do Ceará), quem apresentou uma reflexão etnográfica sobre os conflitos ambientais no parque nacional de Jericoacoara por causa da privatização turística. A continuação, Isis Maria Cunha Lustosa (Laboter) apresentou uma comunicação intitulada “Turismo comunitário, turismo empresarial e outros projetos de desenvolvimento na costa do Ceará: luta por direitos, visibilidade étnica e homologação de Terras Indígenas”. Isis Lustosa é uma referência da turismologia brasileira especializada em turismo indígena, com uma tese doutoral sobre o turismo indígena no Ceará concluída em 2012, e uma das líderes dos colóquios internacionais sobre turismo em terras indígenas (CTURTI). Na sua fala, defendeu o turismo comunitário como um potencial instrumento de luta contra a pobreza sertaneja, e mostrou alguns vetores dos conflitos nessas áreas turísticas: o setor imobiliário, os interesses das empresas de energia eólica, as fábricas de papelão (celulosa), as fábricas de cachaça e os passeios turísticos. Conflitos estes favorecidos no Ceará, segundo Lustosa, pelo fato de só 2 povos indígenas dos 20 existentes terem as suas terras homologadas.

Mais tarde, o professor Álvaro Banducci Júnior (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMGS), partilhou uma comunicação sobre turismo indígena no Pantanal. Através do turismo, os Kadiwéu (de Porto Murtinho/MS) desenvolvem atividades como a pesca esportiva, os passeios na natureza e o mercado de arte (ex. cerâmica), e com isso afirmam sua identidade e ganham visibilidade em todo o mundo. Desde uma antropologia universitária comprometida com a comunidade e os seus interesses coletivos públicos, este antropólogo faz uma comparação entre dois projetos de turismo indígena de tipo comunitário realizados em Porto Murtinho (aldeia Campira / aldeia Alves de Barros), discorrendo, inclusive, acerca de alguns conflitos envolvendo fazendeiros da região.

Na sequência, a professora Maria Amália Silva Alves de Oliveira (Universidade Estadual de Rio de Janeiro-UNIRIO) fez uma fala com base no projeto de pesquisa “Sistemas alimentares, populações tradicionais e projetos de desenvolvimento no Estado do Rio de Janeiro”. Nela analisou processualmente a gestão pública do agroturismo e o seu efeito na conservação ambiental, e igualmente o papel no turismo dos pequenos agricultores do Barro de Campo Grande e de pescadores artesanais de Arraial o Cabo (considerado um dos caribes do Rio de Janeiro). Na sua intervenção frisou o *boom* do turismo gastronómico e alimentar na região, algo que foi alavancado pela Copa do Mundo de futebol masculino celebrada no Brasil no ano 2014. Nas conclusões da sua comunicação, esta professora apurou que o turismo comunitário atuou nestes casos como uma ferramenta de reforço da identidade comunitária.

Logo, o professor Luciano von Der Goltz Vianna (Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC) apresentou a comunicação intitulada “O ‘lazer liberta’: os paradoxos do turismo e suas relações com a Antropologia nos Engenhos de Farinha em Santa Catarina – Brasil”, na qual problematizou o turismo de base comunitária e a produção de mandioca em comunidades indígenas e quilombolas no estado de Santa Catarina. Nesse contexto, os engenhos de farinha (moinhos) são reconhecidos como património cultural, mas há uma disputa entre quilombolas e açorianos (portugueses que emigraram dos Açores) por sua pertença, seus usos e significados. O professor Luciano concluiu a sua fala significando o turismo como um espaço de encontros e desencontros.

Seguidamente, o professor Michel Alves Ferreira (Universidade do Estado de Mato Grosso- UNEMAT) trouxe a debate um tema muito na calda, a situação social e laboral dos trabalhadores de hospedagem turística. Com base num caso de estudo no pequeno município de Nova Tocantins (Mato Grosso), com 6000 habitantes aproximadamente, mostrou como no turismo nem tudo é cor de rosa. Relatou situações de LGTB fobia e outras diversas discriminações, por género, idade e etnicidade vivenciadas pelos trabalhadores turísticos. E se bem há muitas formações de boas práticas em atendimento hoteleiro, o certo é que o turismo é um campo de disputas por recursos diversos, onde estão presentes os afetos e os desafetos e afastamento, a hospitalidade e as exclusões sociais. Portanto, diz-nos este docente e investigador, o turismo também reproduz estereótipos afetivo-cognitivos e normas morais nas relações de trabalho entre trabalhadores, e entre trabalhadores e turistas. Finalmente, este investigador lançou para o debate questões como: que tipo de turismo queremos? Que turistas queremos? Qual a responsabilidade ética e moral do turismo?

A última comunicação desta segunda sessão de trabalho foi feita pela professora Andrea Rabinovici (Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP), quem tratou um tema muito caro à antropologia

do turismo como é o da relação entre turismo e museologia comunitária. Adotou uma perspectiva decolonial ao analisar as atividades da Fundação Casa Grande (Ceará) e a sua aliança com o turismo, em especial com o turismo comunitário. Através da criação de uma agência de turismo comunitário verificou o papel desta atividade para trazer renda e fixar a população local nas comunidades. Esta antropóloga ressaltou a importância do controle dos recursos próprios no desenvolvimento do turismo de base comunitária (TBC).

Os debates posteriores desta segunda sessão focaram o turismo como produtor de novas etnicidades, identidades, interseções e identificações dinâmicas, não sem tensões, destacando situações de liminaridades e resistências. Face ao desejo insaciável de lucro financeiro protagonizado pela grande indústria turística dominante, coexistem os desejos de uma vida digna em projetos de base local e comunitária. Em ambos casos, a etnografia do turismo foi considerada uma ferramenta metodológica essencial para desvendar e desmascarar os seus problemas.

A terceira sessão do grupo de trabalho (sexta-feira dia 26 de julho) decorreu com poucas comunicações e muito diálogo e debate entre os participantes. A primeira comunicação foi feita por Adjane de Araújo Machado (Universidade Federal da Paraíba – UFPB) quem esboçou uma análise teórica sobre turismo comunitário de acordo com vários eixos temáticos: 1) a oposição à grande indústria turística; 2) a autogestão turística; 3) as atuações de agentes externos no planejamento; 4) a articulação com a cadeia produtiva global. Além mais, abordou questões como a nova organização do trabalho, a sazonalidade, a nova relação entre capital e trabalho, o sentido de comunidade e as zonas de contato no turismo comunitário. Finalmente, esta professora concluiu afirmando que o turismo comunitário é uma prática contra-hegemônica ligada a culturas de trabalho comunitário.

A continuação teve lugar a apresentação da professora Janaína de Alencar Ribeiro (Universidade de Brasília - UNB), com o título “Reflexões sobre os Mayas de Yucatán e o complexo turístico da Riviera Maya – turismo, territorialidade e culturas em conflito”, sendo esta uma das poucas comunicações com trabalho de campo fora do Brasil. Durante a sua fala, referiu que a controversa relação entre património cultural, arqueologia e turismo cria significados em disputa entre os agentes sociais que participam nos processos de patrimonialização e turistificação. No caso mexicano em análise, esta antropóloga afirmou que o capitalismo turístico ganhou a disputa e os mayas ficaram como encenadores de um exotismo para turista ver. Sendo o turismo um projeto do capitalismo, da modernidade e do poder estatal, os mayas de Yucatán recebem relativamente pouco dos benefícios do turismo (sol e praia, arqueológico e histórico), conformando a categoria dos trabalhadores precarizados. Em suma, o Estado mexicano apropriou-se da arqueologia indígena para construir um discurso nacionalista e criar uma nação mestiça, para a qual também contribuíram os cientistas, mas pouca fora a redistribuição da riqueza e a retribuição às comunidades indígenas.

A última comunicação do grupo de trabalho foi obra da antropóloga Jaimilê Cunha (Universidade da Paraíba - UFPB), quem falou sobre o contributo da antropologia do turismo para as comunidades que desenvolvem Turismo de Base Comunitária. Nalgum caso os indígenas são turistas e turistas ao mesmo tempo, referiu, o que quebra a falsa dicotomia entre turistas e recetores de turistas. Ela defendeu a necessidade de uma diversidade epistémica no estudo do turismo e uma turismologia mais antropológica que incida no próprio desenho e planificação do produto turístico.

O posterior debate desta terceira sessão foi muito interessante. Uma das ideias críticas suscitadas foi que conceitos como o de sustentabilidade e o de empreendedorismo foram criados pelo pensamento e maquinaria neoliberal para apropriar-se de recursos e continuar a acumular capital de forma ilimitada e exacerbada. O conceito de sustentabilidade foi qualificado como uma “categoria vencida”, em palavras de Isis Lustosa. Pelo seu lado, Álvaro Banducci Júnior afirmou que considerava necessário contextualizar etnograficamente a ideia de sustentabilidade: onde? Por quê? Capitalismo ou resistência? Onde nasce o conceito? Sempre com flexibilidade epistémica e ontológica, registrou como o turismo tem benefícios não somente económicos. E como fecho do debate e do grupo de trabalho, os coordenadores fizeram uma alegação (de quê?) e assinalaram que o turismo é um campo de sentidos e significados humanos que precisa da antropologia para uma melhor compreensão e entendimento.

Se bem no grupo de trabalho também estiveram presentes sem comunicação antropólogas como Helena Catão (Universidade Federal Fluminense), nele não participaram tod@s os antropólogos brasileiros que pesquisam de forma central o turismo, como Rodrigo Grunewald, Roque Pinto, Carlos Alberto Steill, Margarita Barretto, dentre outros, ou outros antropólogos estrangeiros que estudam o turismo no Brasil, tais como Claudio Milano (Universidade de Barcelona, Catalunya, Espanha) ou Octávio Sacramento (Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal), entre outros. Tod@s eles têm contribuído aos debates internacionais sobre o turismo e as mobilidades turísticas. O certo é que este grupo de trabalho

nos ofereceu uma imagem metafórica da situação atual da antropologia do turismo no Brasil. Uma imagem que, no nosso entender integra os seguintes componentes:

- a) Uma antropologia reflexiva de ação e compromisso com nossos interlocutores, uma antropologia comprometida que amplia a voz dos menos favorecidos e que mostra as diferentes possibilidades de construção social do turismo.
- b) Uma antropologia focada no Brasil, e para dentro de um país-continente, com uma escala territorial que encerra uma grande diversidade sociocultural e também turística. São poucos os antropólogos brasileiros do turismo que estudaram contextos etnográficos não brasileiros, devido à sua ancoragem nativista de grande tradição acadêmica nesse país.
- c) Uma antropologia do turismo indígena, de base local e comunitária muito importante, ligada à identidade da antropologia indígena e indigenista brasileira, como apontaram reiteradamente autores como Mariza Peirano, Gilberto Velho ou Gustavo Lins Ribeiro. A isso acrescentamos a escassez de estudos antropológicos sobre o turismo urbano brasileiro, de grande importância socioeconômica no país.
- d) Uma visão crítica, mas otimista, do turismo comunitário como turismo alternativo, mais sustentável e responsável, apesar da menção a conflitos pelos recursos em cenários complexos de tensão local-global.
- e) Um forte etnografismo e descritivismo próximo dos problemas do turismo e as suas teorias nativas, que em nosso modo de entender precisa de um maior diálogo com a literatura científica internacional e com a teoria antropológica, aportando assim reflexão teórica à própria antropologia geral.
- f) Uma presença forte nas antropologias internacionais de Iberoamérica e escassa nas antropologias internacionais mundiais de domínio anglosaxónico.
- g) Uma antropologia do turismo mais endotópica do que exotópica, que pode ganhar muito com mais miradas cruzadas com outros universos socioculturais e geopolíticos como podem ser os da Lusofonia e outros.

Em jeito de sumário, um grupo de trabalho que mostrou as valências metodológicas, teóricas e epistemológicas das plurais antropologias do turismo no Brasil. E como espaço de encontro pessoal, profissional e intelectual que são os congressos, este grupo de trabalho serviu para fortalecer os laços entre antropólogos do turismo brasileiros e outros não brasileiros como Xerardo Pereiro, quem divulgou o encontro SOCANTUR (Universidade da Corunha, Galiza, 11-13 de junho de 2025) e o projeto de PASOS (<https://www.pasosonline.org/es/>), dirigido pelo antropólogo Agustín Santana, como um espaço de partilha e comunicação científica do conhecimento antropológico do turismo.

**Foto nº 1: Participantes no GT 24 – Antropologia do Turismo – RBA, Belo Horizonte, 26 de julho 2024**



**Autoria:** Prof. Euler Siqueira

## Referências

- Leeds, Anthony. (1969) Leeds, Anthony. (1969). The significant variables determining the character of squatter settlements. *América Latina*, 12/3, p. 44-86. "The significant variables determining the character of squatter settlements". *América Latina*, 12/3, p. 44-86.
- Leeds, Anthony & Leeds, Elizabeth. (1970). Brazil and the myth of urban rurality: urban experience, work and values in statements of Rio de Janeiro and Lima. In: Field, Arthur J. (ed.). *City and country in the third world: issues in the modernization of Latin America*. Cambridge, MA: Schenkman Pub. Co., p. 229-272; p. 277-285. Brazil and the myth of urban rurality: urban experience, work and values in statements of Rio de Janeiro and Lima. In: Arthur J. Field (org), *City and country in the third world: issues in the modernization of Latin America*, Schenkman Pub. Co., p. 229-272, 277-285.
- Pinto, R. (2015). O turismo na tradição antropológica brasileira. *PASOS Revista De Turismo Y Patrimonio Cultural*, 13(2), 295–303. <https://doi.org/10.25145/j.pasos.2015.13.022>
- Pinto, R. (2021). Antropologia e turismo: abordagens e perspectivas. *Revista Iberoamericana de Turismo-RITUR*, Penedo, v. 11, p. 27- 57, 2021. <http://www.seer.ufal.br/index.php/ritu>
- RBA (2024): Reunião Brasileira de Antropologia. Online em: [https://www.34rba.abant.org.br/atividade/view?q=eyJwYXJhbXMiOiJ7XCJjRjR9BVElWSURBREVcIjpcIjE4MFwifSIsImgiOiJkMGQwMjU5ZmZjZTM0OWEwOTkwMmY5ODI3ZmFmZjJiZSJ9&ID\\_ATIVIDADE=180](https://www.34rba.abant.org.br/atividade/view?q=eyJwYXJhbXMiOiJ7XCJjRjR9BVElWSURBREVcIjpcIjE4MFwifSIsImgiOiJkMGQwMjU5ZmZjZTM0OWEwOTkwMmY5ODI3ZmFmZjJiZSJ9&ID_ATIVIDADE=180)

## Notas

- <sup>1</sup> O projeto em desenvolvimento tem como *loci* empíricos da pesquisa no Pará três comunidades ribeirinhas do Baixo Tapajós que se localizam no interior da Floresta Nacional (FLONA) do Tapajós, no município de Belterra, a saber, São Domingos, Maguari e Jamaraquá; e também, no Planalto Santareno no município de Mojuí dos Campos, a Comunidade Jatobá da Volta Grande. Além destas comunidades estamos trabalhando junto à AMABELA (Associação das Mulheres Trabalhadoras Rurais de Belterra), uma associação de mulheres agroecológicas. As próprias mulheres definem esta associação como intermunicipal, pois conta com agricultoras de comunidades dos dois municípios, Belterra e Mojuí dos Campos. Temos visitado os sítios das *amabelas* (como são referidas as mulheres da Associação) da Comunidade Revolta e da Comunidade Santa Cruz, próximas à FLONA. No estado do Maranhão, a pesquisa se desenvolve com moradores do Parque Nacional Chapada das Mesas (PNCM), cujo município de referência é Carolina, e com comunidades do Sítio RAMSAR, na Baixada Maranhense, município de Penalva, situadas dentro das áreas dos antigos engenhos Enseada da Mata, São Sapé, São Luís e Monte Cristo. Os casos específicos do Planalto Santareno e da Baixada maranhense e também das agricultoras agroecológicas, enfrentam pressão sobre seus territórios tradicionais e seus sistemas locais de manejo da biodiversidade, sobretudo pela cadeia produtiva de grãos de soja e da pecuária, que vem ameaçando a manutenção da floresta em pé e as populações tradicionais que dela vivem. Também temos como interlocutoras/es coletivos, como o comitê de mulheres do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais (STTR) de Santarém, e a Associação de mulheres de Mojuí dos Campos, Flores do Campo, além da já citada AMABELA. E, no Maranhão, temos a Associação de Moradores do Quilombo do Bairro Novo (AMQBN) e a seção regional do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras da Agricultura Familiar ambas de Penalva/MA. Ver: <https://www.amazoniamaisdez.org.br/>  
<https://agencia.fapesp.br/iniciativa-amazonia-10-seleciona-39-projetos-de-pesquisa/40082>

*Recibido:* 02/07/2024  
*Reenviado:* 15/07/2024  
*Aceptado:* 27/08/2024  
*Sometido a evaluación por pares anónimos*